# III. A Ruptura de Abril de 1983

Dom Lefebvre já havia programado uma viagem aos EUA em abril de 1983 para visitar o seminário de Ridgefield e, em seguida, ir ao Distrito do Sudoeste para destituir o Superior, o padre Bolduc. É desnecessário dizer que a destituição do padre Bolduc foi adiada, e a questão dos Nove foi colocada no topo da agenda do arcebispo.

## A. A Destituição do Padre Sanborn

Dom Lefebvre chegou ao seminário acompanhado do padre Schmidberger. Nos dias 24, 25 e 26 de abril, ele proferiu discursos diante dos seminaristas denunciando o padre Sanborn e o restante de nós, apresentando a linha do partido.

Às vezes, me perguntam se hoje eu acho que deveria ter agido de maneira diferente em 1983. Minha resposta é sim, eu deveria ter tomado uma posição ainda mais firme: trocar as fechaduras do seminário de Ridgefield, enviar as coisas do padre Williamson e manter Dom Lefebvre totalmente afastado. Não ter feito isso deixou ao arcebispo uma base de operações para acolher os padres duvidosos, as falsas anulações e a lealdade a ele como se fosse um papa substituto.

De qualquer forma, Dom Lefebvre destituiu prontamente o padre Sanborn da reitoria do seminário, substituindo-o pelo padre Williamson. Em seguida, o padre Sanborn foi enviado para a Irlanda.(30)

O plano do arcebispo era "dividir e conquistar". Com esse objetivo, ele procurou evitar um confronto direto com os padres Kelly, Dolan e eu, afastando-nos por enquanto e depois nos pegando um a um mais tarde. Como suspeitávamos, insistimos para que o arcebispo nos encontrasse a fim de discutir o conteúdo da carta de 25 de março. Assim, na tarde de 27 de abril de 1983, Dom Lefebvre, acompanhado dos padres Schmidberger e Williamson, se dirigiu de Ridgefield a Oyster Bay Cove, NY, que se tornara o quartel-general do Distrito Nordeste.

## B. O Encontro de 27 de Abril

Encontramos o arcebispo na sala de conferências do andar térreo. Informamos ao arcebispo que o padre Kelly e eu estávamos autorizados pelos outros signatários da carta a falar em seu nome. Os padres Dolan e Berry também estavam presentes. Os padres Williamson e Berry tomaram notas detalhadas, de forma que mesmo vinte e cinco anos depois podemos ter uma noção do que aconteceu. Mencionarei apenas alguns aspectos.

(1) **O Debate**. Apresentei uma lista das seis resoluções contidas em nossa carta, à qual havia sido adicionada uma sétima que garantiria que as referidas resoluções seriam obrigatórias se adotadas.

Sugeri que seria melhor discutir essas questões, pois tratavam de questões práticas. Dom Lefebvre começou fazendo críticas ao padre Zapp por ele se recusar a usar o Missal de João XXIII.

Então, tentei pressionar o arcebispo sobre o problema da ordenação sob condição dos padres ordenados segundo o novo rito. Ele começou tentando nos acalmar, dizendo que estava absolutamente de acordo com os princípios, que a situação era lamentável, que seria melhor que o padre Stark fosse reordenado, etc.

Mas quando o pressionei para dar uma resposta clara, o arcebispo disse que não queria fazer disso uma regra. A discussão se voltou então para a liturgia de João XXIII. Dom Lefebvre nos acusou de intolerância e negou que o "Capítulo Geral" de 1976 tivesse aprovado o uso do Missal e do Breviário anteriores a 1955. Isso era claramente falso, como demonstram as Atas que o arcebispo havia assinado.(31)

O arcebispo então disse que estávamos sendo obstinados em relação às questões litúrgicas porque não "pensávamos com a Fraternidade".(32)

Isso nos fez saltar, o padre Kelly e eu. A expressão normal na teologia católica é "*pensar com a Igreja*". O pequeno "deslizamento freudiano" do arcebispo simplesmente nos confirmou o que expomos em nossa carta: deveríamos nos submeter a ele e à FSSPX como se fosse uma Igreja substituta.

O padre Dolan então perguntou em virtude de qual autoridade ele havia decidido a questão litúrgica – por que não 1965 ou 1968? O arcebispo disse que era a "última legislação pontifícia válida" (!) e que "a fé" decidia. Tradução: o arcebispo mesmo determina para todos qual legislação papal é válida e quando "a fé" está ameaçada. Novamente, o arcebispo e a FSSPX como Igreja substituta: *A Fé sou eu*.

(2) **O Fim.** Quando tentamos levar a discussão para o terceiro ponto, o arcebispo notou o sétimo ponto na lista. Este era o que eu havia pessoalmente acrescentado.(33) Ele teria autorizado o padre Kelly e eu a redigir documentos legais que obrigariam toda associação afiliada à FSSPX a observar as resoluções adotadas.

O sétimo ponto foi concebido para impedir que o arcebispo seguisse sua prática habitual, que era de fingir diplomaticamente seu acordo sobre algo e negá-lo mais tarde. Em outras palavras, o estávamos convidando a colocar as cartas na mesa. O arcebispo percebeu isso e saltou. “Terminou, impossível. Impor a Écône sua maneira de agir?!... Espírito agressivo... aceitar o ponto sete deste papel?!? Encontre outro bispo... Ordens de Cekada. Apenas daremos o nome... Tome sua liberdade... Chega de discussões...” etc., etc.

Depois disso, ficou claro que estávamos em um impasse.

O padre Schmidberger abordou a questão das diversas propriedades. Ele sugeriu que mantivéssemos em segredo o desacordo para não chocar os fiéis e nomeássemos delegados para resolver qualquer problema. Era, de qualquer forma, o que íamos propor. Informamos ao arcebispo que, por enquanto, controlávamos as diversas associações. Ele imediatamente ameaçou nos processar.

Nós propusemos, ao contrário, que nossos respectivos advogados se encontrassem para chegar a um acordo visando evitar um grande problema. Eles concordaram, e a reunião chegou ao fim.

O padre Kelly e eu pensamos que um jantar em comum com o arcebispo e os dois padres poderia esfriar a tensão e talvez permitir que ambos os lados imaginassem um arranjo amigável que poupasse os fiéis. Portanto, os convidamos para jantar.

O arcebispo queria ficar. Mas o padre Williamson disse em alemão ao padre Schmidberger: "*Não quero comer com tais pessoas*", ao que não pude resistir em acrescentar em alemão: "*Cuidado, você nunca sabe quem fala alemão!*".

Então, beijamos o anel do arcebispo, agradecemos (sinceramente) por tudo o que ele havia feito e o vimos partir com os dois padres. Muitas vezes pensei que o processo poderia ter sido totalmente evitado se o arcebispo tivesse ficado para o jantar. Embora a reunião tenha sido emocionalmente difícil, ainda estávamos determinados a não ceder nos pontos levantados em nossa carta.

Assim que o arcebispo retornou ao seminário de Ridgefield, ele imediatamente começou a redigir uma carta denunciando-nos aos fiéis. Assim ele concebia manter o segredo e tentar resolver o problema pacificamente.

No dia seguinte, 28 de abril, o arcebispo fez outra conferência com os seminaristas. Ele ainda estava furioso a respeito do ponto (7), aquele que visava impedi-lo de escapar de um acordo. Finalmente, em um comentário irônico: na carta em que denunciava os Nove como rebeldes, o arcebispo citava um trecho da Suma como sendo "a base do pensamento da Fraternidade e de sua ação na grave crise que atravessava a 'Igreja'." Eu li e descobri Santo Tomás dizendo "se a fé estivesse em perigo, um inferior deveria corrigir seu prelato" e que seus superiores "não deveriam desdenhar de serem repreendidos por seus inferiores".(34)

Aparentemente, o princípio se aplicava ao arcebispo, mas não a nós.

---

Revision #3
Created 16 December 2024 23:06:56 by Admin
Updated 17 December 2024 20:54:40 by Admin